

4 de dezembro de 1957

Seminário da quarta-feira de 4 de dezembro de 1957

Chegado à parte sintética de sua obra sobre a *palavra espírituosa*, a segunda parte, Freud pergunta a si mesmo a questão da origem do prazer, do prazer proporcionado pela *palavra espírituosa*.

Claro, é cada vez mais necessário - lembro àqueles que se julgariam dispensados disso - que vocês tenham pelo menos feito uma leitura do texto da *palavra espírituosa*. É a única maneira que vocês têm de conhecer essa obra, afora o caso, que não seria de seu agrado, penso, de eu mesmo ler este texto aqui. Vou tirar dele fragmentos, mas isso contribui para fazer baixar o nível da atenção. É o único meio de vocês se darem conta que as fórmulas que lhes trago, ou que procuro trazer-lhes, seguem freqüentemente à risca, quero dizer, o mais perto possível, as questões que Freud coloca para si mesmo.

As questões que Freud coloca para si mesmo, ele as coloca por um processo freqüentemente sinuoso, ele se refere a temas diversamente aceitos, psicológicos e outros. Aqueles a que ele se refere implicitamente pela maneira que ele utiliza os temas aceitos, são também importantes, mais importantes ainda que aqueles que lhe servem de referência. Os que lhe servem de referência são aqueles que ele tem em comum com seus leitores. A maneira como ele os utiliza faz aparecer - precisaria realmente não ter aberto o livro para não verificar isso - uma dimensão que até ele nem sequer foi sugerida.

Esta dimensão é precisamente a do papel do significante.

Eu gostaria de ir diretamente ao assunto que nos ocupa hoje, a saber, qual é, pergunta Freud a si mesmo, a fonte do prazer?

Qual é a fonte do prazer?, diz ele. É essencialmente o que, numa linguagem por demais difundida hoje em dia, e que alguns utilizariam quando criticassem..... A fonte do prazer da *palavra espírituosa* deve ser procurada essencialmente no seu aspecto formal. Felizmente, não é assim que Freud se expressa, ele se exprime de uma maneira muito mais precisa: a fonte do prazer na *palavra espírituosa*, ele chega a dizer isso, é simplesmente a piada. Essa é a verdadeira fonte.

Todavia, claro, o prazer que encontramos no decorrer do exercício da *palavra espírituosa* está centrado alhures. Será que não nos apercebemos da direção dessa fonte, e ao longo de sua análise, dessa espécie de ambigüidade que é inerente ao próprio exercício da *palavra espírituosa*, que faz com que nós não percebamos donde nos vem o prazer, e é preciso todo o esforço de sua análise para mostrá-lo? É um elemento, um processo absolutamente essencial.

Conforme um sistema de referência que vai se apresentar cada vez mais acentuado até o fim da obra, essa fonte primitiva de prazer, ele a reportou a um período lúdico da atividade infantil, a saber, que é alguma coisa que se refere a esse primeiro jogo com as palavras, que, em suma, nos leva diretamente à aquisição da linguagem considerada como puro significante, pois é propriamente dito ao jogo verbal, ao exercício que nós qualificaríamos quase puramente, para não dizer emissor, puramente emissor da forma verbal que ele vai trazer, primitivo e essencial, o prazer.

Trata-se, pois, pura e simplesmente de uma espécie de retorno a um exercício do significante como tal, a um período de antes do controle, que a crítica, que a razão vai obrigar, progressivamente, pelo fato da educação de todas as aprendizagens da realidade,

4 de dezembro de 1957

vai forçar o sujeito a trazer esse controle e essa crítica a esse uso do significante? Será, pois, nessa diferença que vai consistir a principal mola do exercício do prazer na *palavra espirituosa*?

Com certeza a coisa parece muito simples se tudo o que traz Freud se resume a tudo isso. Claro, isso está longe de ser aquilo a que ele se limita, ele nos diz que lá está a fonte do prazer, mas ele nos mostra também em que via esse prazer é utilizado. Esse prazer serve, de algum modo, para uma operação que se refere à liberação dessas vias antigas na medida em que estão ainda lá virtualmente existentes, sustentando de algum modo ainda alguma coisa. E, pelo fato de passar por essas vias, lhes dava um privilégio em relação àquelas que foram trazidas ao primeiro plano do controle do pensamento do sujeito pelo seu progresso rumo ao estado adulto.

Fazer com que essas vias reencontrem esse privilégio é alguma coisa que nos faz entrar imediatamente, e é nisso que intervém toda a análise anterior que ele fez sobre a mola e o mecanismo da *palavra espirituosa*, nestas vias estruturantes que são aquelas mesmas do inconsciente.

Em outros termos, as duas facetas da *palavra espirituosa* - é o próprio Freud que se expressa assim - são, de um lado, essa faceta de exercício do significante com essa liberdade que leva ao máximo toda sua possibilidade de ambigüidade fundamental, e mesmo, para dizer tudo, seu caráter primitivo em relação ao sentido, a polivalência essencial que ele tem em relação ao sentido, a função criadora que ele tem em relação ao sentido, o sinal de arbitrário que ele traz no sentido. É uma das facetas.

A outra, é o fato de que esse exercício por si mesmo nos introduz, nos conduz, evoca tudo o que é da ordem do inconsciente; e isso está bastante indicado na opinião de Freud, pelo fato que as estruturas reveladas pela *palavra espirituosa*, a maneira como funciona sua constituição, sua cristalização, não são diferentes das que ele próprio descobriu nas suas primeiras apreensões do inconsciente, a saber, ao nível do sonho, ao nível dos atos falhos ou logrados, como vocês querem entender, ao nível dos próprios sintomas.

É a isto que procuramos dar uma fórmula mais rigorosa, mais precisa, quando sob a forma, sob a rubrica de metáfora e de metonímia, nos reencontramos nas suas formas mais gerais, nas formas que têm equivalentes para todo exercício da linguagem, e também para o que deles reencontraremos de estruturante no inconsciente; estas formas são as formas mais gerais nas quais, pois, a condensação, o deslocamento, os outros mecanismos que Freud destaca nas estruturas do inconsciente, não são, de certo modo, senão aplicações.

Essa semelhança do inconsciente com o que nós lhe conferimos, não apenas pelas vias dos hábitos mentais, mas porque há efetivamente dinâmica na relação com o desejo, essa semelhança do inconsciente e da estrutura da palavra na medida em que é comandada pelas leis do significante, é disto que vamos tentar nos aproximar sempre mais, exemplificar, tornar exemplar, recorrendo à obra de Freud sobre a palavra espirituosa. É o que vamos tentar examinar de mais perto hoje.

Se enfatizarmos o que se poderia chamar a autonomia das leis do significante, se dissermos que em relação ao mecanismo da criação elas são primeiras, isto não nos dispensa, naturalmente, de nos perguntarmos como devemos conceber, não apenas o aparecimento do sentido mas, para parodiar uma fórmula que foi bastante desajeitadamente produzida na escola lógico-positivista, nós diríamos o sentido do sentido; não afirmo que isso tenha um sentido. Mas o que queremos dizer quando se trata de sentido? E, da mesma maneira,

4 de dezembro de 1957

Freud, nesse capítulo sobre o mecanismo do prazer, o evoca, se refere a ele incessantemente, e não esquece de mencionar essa fórmula tão freqüentemente difundida a propósito do exercício da *palavra espirituosa*: sentido no não-sentido, como disseram desde muito tempo os autores por uma espécie de fórmula que menciona, de certo modo, as duas facetas aparentes do prazer: a maneira como ele surpreende inicialmente pelo não-sentido, com o qual, por outro lado, ele nos prende e nos recompensa pelo aparecimento de não sei que sentido secreto, por sinal sempre tão difícil de definir, se partirmos dessa perspectiva nesse próprio não-sentido, ou, então, passagem aberta por um não-sentido que, nesse instante, nos estonteia, nos sidera.

Isso está mais perto, talvez, do mecanismo, e Freud, com certeza, está mais perto de lhe conceder mais propriedades. A saber: que o não-sentido tem o papel, lá, um instante, de nos ludibriar bastante tempo para que um sentido até então despercebido, ou, aliás, muito rapidamente também, passado, fugidio, um sentido em relâmpago, da mesma natureza que a sideração que nos deteve um instante sobre o não-sentido, nos atinge através dessa apreensão *da palavra espirituosa*.

Na realidade, se observarmos as coisas mais de perto, vemos que Freud chega a repudiar esse termo de não-sentido, e é aí também que eu gostaria que parássemos hoje, pois é verdadeiramente a característica dessas aproximações que permitem precisamente evitar o último termo, a última mola do mecanismo em jogo, de nos deter em fórmulas que, sem dúvida alguma, têm sua aparência, sua sedução psicológica, mas que, propriamente dito, não são as que convêm.

Vou lhes propor partir de alguma coisa que não será um recurso à criança a respeito de quem, sem nenhuma dúvida, sabemos, com efeito, que ela pode tirar algum prazer desses jogos verbais, e que podemos nos referir, com efeito, a alguma coisa dessa ordem para dar sentido e peso a uma espécie de psicogênese do mecanismo do espírito, mas do qual, afinal, se nisso pensarem de outra maneira que por uma espécie de satisfação, de uma rotina que é estabelecida pelo fato de que referir-se a alguma coisa como atividade lúdica primitiva, longínqua, à qual, com tudo isso, se pode atribuir todas as graças, talvez não seja tampouco alguma coisa que deva nos satisfazer tanto, uma vez que nada assegura que o prazer do espírito, do qual a criança só participa de muito longe, seja alguma coisa que deva ser exaustivamente explicada por um recurso à fantasia.

Mas gostaria de chegar a alguma coisa que faça o nó entre este uso do significante e o que podemos chamar de satisfação ou prazer. Sou eu que aqui voltarei a esta referência que parece elementar, pois se recorremos à criança, é preciso, mesmo assim, não nos esquecermos que o significante, no começo, é feito para servir para alguma coisa, é feito para exprimir uma demanda.

Paremos, pois, um instante na mola da demanda. É este algo de uma necessidade que passa por meio do significante que é dirigido ao outro. Já, na última vez, fiz observar que essa referência merecia que nós procurássemos sondar os seus tempos.

Os tempos são tão pouco sondados que fiz alusão a eles em algum lugar em um dos meus artigos. Uma personagem eminentemente representativa da hierarquia psicanalítica redigiu um artigo de cerca de doze páginas para maravilhar-se das virtudes do que ele chama de *wording* palavra que em inglês corresponde ao que desajeitadamente chamamos em francês de *passagem ao verbal* [*passage au verbal*] ou *verbalização* [*verbalisation*]. Evidentemente, o termo é mais elegante em inglês do que em francês. O autor maravilha-se que uma paciente

4 de dezembro de 1957

singularmente bitolada por uma intervenção que ele havia feito dizendo-lhe alguma coisa que queria dizer mais ou menos: vocês tem singulares ou até fortes.... [*demande*], o que em inglês tem uma conotação mais insistente do que em francês, tenha sido literalmente transtornada como por uma acusação, como por uma denúncia, ao passo que, quando havia retomado o mesmo termo alguns momentos depois, utilizando *needs*, isto é, necessidades, ele havia encontrado alguém muito dócil para aceitar sua interpretação.

A ênfase que é dada pelo autor em questão a essa descoberta, nos mostra bem como a arte do *wording* ainda está no interior da análise, ou, pelo menos, de um certo círculo da análise, no estado primitivo. Pois, na verdade, tudo consiste nisto: a demanda é alguma coisa que, por si mesma, é tão relativa ao Outro, que, pelo fato de que seja o Outro que a acusa, ele se encontra imediatamente em posição de acusar o próprio sujeito, de rechaçá-lo, ao passo que, evocando a necessidade, ele autentica essa necessidade, ele a assume, ele a homologa, ele a traz para si, ele começa já a reconhecê-la, o que é uma satisfação essencial.

O mecanismo da demanda, naturalmente, é o fato de que o Outro, por natureza, se oponha a ela, ou melhor, poder-se-ia dizer que a demanda, por natureza, exige que haja oposição a ela. Para ser sustentada como demanda, estando ligada justamente à introdução na comunicação da linguagem, sendo ilustrada a cada instante pelo modo como o Outro acede à demanda.

Refletamos bem. É na medida em que a dimensão da linguagem se apresenta para ser remodelada, mas também para tratar do complexo significante ao infinito, o sistema das necessidades, que a demanda é essencialmente alguma coisa de sua natureza que se apresenta como podendo ser exorbitante. Não é por nada que as crianças pedem a lua. Elas pedem a lua porque é da natureza de uma necessidade que se expressa por meio do sistema significante, pedir a lua; tal como, aliás, nós não hesitamos em prometé-la; por isso, aliás, estamos bem perto de tê-la.

No final das contas, nós não a temos ainda, a lua, e o que é essencial, é, apesar de tudo, se aperceber disso, pô-lo em destaque. Afinal, nesta demanda de satisfação de uma necessidade, o que acontece pura e simplesmente? Respondemos à demanda, damos ao próximo o que ele nos pede. Por que passagem estreita ele deve passar? Por que redução de suas pretensões ele deve se reduzir a si mesmo para que a demanda seja atendida?

É o que o fenômeno da necessidade põe suficientemente em valor quando aparece nu. Diria até que para aceder a ele na qualidade de necessidade, é preciso que nós nos refiramos além do sujeito a não sei qual outro que se chama Cristo que se identifica ao pobre para aqueles que praticam a caridade cristã; mas, mesmo para os outros, para o homem do desejo, para o *Don Juan*, de Molière, ele dá naturalmente ao mendigo o que ele lhe pede, e não é por nada que ele acrescenta *por amor à humanidade*. É a um outro além daquele que está na sua frente, no final das contas, que a resposta ao pedido, o assentimento do pedido é concedido, e a história que é uma das minhas histórias sobre as quais Freud faz girar sua análise da *palavra espirituosa*, a história chamada do salmão-maionese, sendo a mais bela história que aqui dá a ilustração disso.

Uma personagem se indigna após ter dado algum dinheiro a um pedinte para pagar não sei quais dívidas vencidas, de vê-lo dar ao objeto da generosidade um uso diferente daquele que, de certa maneira, corresponde a qualquer outro espírito limitado. É uma verdadeira história engraçada, quando, ao reencontrá-lo, no dia seguinte, num restaurante, oferecendo o que é considerado como um sinal do gasto sem limite, salmão com maionese, com esse

4 de dezembro de 1957

pequeno sotaque vienense que pode dar o tom da história. Ele lhe diz: *O quê foi para isso que eu te dei dinheiro? Para almoçar salmão com maionese!* E o outro, então, entra na palavra espirituosa e responde: *Mas, então, não entenda quando eu não tenho dinheiro, não posso ter salmão com maionese; quando eu tenho dinheiro, tampouco posso comer esse prato! Então, quando posso comer salmão com maionese?*

Toda espécie de exemplo da *palavra espirituosa* é ainda mais significativa pelo domínio mesmo onde ele se desloca, é ainda mais significativa pela sua peculiaridade que parece ser o algo de especial na história que não pode ser generalizado. É por essa peculiaridade que chegamos à mais viva mola do domínio no qual nós nos colocamos, e a pertinência dessa história não é menor do que a de qualquer outra história que sempre nos situa no âmago mesmo do problema, na relação entre o significante e o desejo, e no fato de que o desejo se encontra profundamente mudado de significação, subvertido, tornado ambíguo, ele mesmo, pela sua passagem pelas vias do significante.

Vejam os que tudo isso quer dizer. É sempre em nome de um certo registro que faz intervir o Outro para além daquele que pede, que toda satisfação é concedida, e isso precisamente perverte profundamente o sistema do pedido e da resposta ao pedido. Vestir os que estão nus, dar de comer aos que têm fome, visitar os doentes. Não é preciso lembrar-lhes as sete, oito ou nove obras de misericórdia, é bastante impressionante nos seus próprios termos que vestir os que estão nus, se poderia dizer se o pedido fosse alguma coisa que devesse ser sustentado na sua ponta direta. Por que não vestir, eu quero dizer na boutique de Christian Dior aqueles ou aquelas que estão nus? Isso acontece, de vez em quando, mas, de modo geral, é porque primeiro fomos nós que os despimos.

Da mesma maneira, dar de comer aos que têm fome. Por que não encher a cara deles? Isso não se faz, isso lhes faria mal, eles têm o hábito da sobriedade, é preciso não perturbá-los. Quanto a visitar os doentes, eu lembro a palavra de Sacha Guitry: *Fazer uma visita dá sempre prazer. Se não quando se chega, pelo menos, quando se vai.*

A relação da temática da demanda está no âmago do que constitui o objeto da nossa conversa de hoje. Procuremos, pois, esquematizar o que ocorre nesse tempo de parada que, de algum modo, desloca por uma espécie de via singular, em ziguezague, por assim dizer, a comunicação da demanda ao seu acesso.

Logo não é uma coisa mítica, mas alguma coisa profundamente verdadeira a que lhes peço se referirem para usar este pequeno esquema, e da seguinte maneira:

Suponhamos a coisa que, todavia, deve existir em algum lugar, nem que seja em nosso esquema, um pedido que passa, pois afinal de contas tudo está lá. Se Freud introduz uma nova dimensão em nossa consideração do homem, é que eu não diria que alguma coisa passa apesar de tudo, mas que este algo que é destinado a passar, o desejo que deveria passar, deixa em algum lugar não somente traços, mas um circuito insistente.

Partamos logo no esquema de alguma coisa que representaria o pedido que passa. Ponhamo-nos, já que de infância se trata, podemos muito bem fazer com que a demanda que passa se refugie nela. Essa criança que articula alguma coisa que, para ele, é ainda apenas uma articulação incerta, mas uma articulação da qual ele tira prazer, à qual se refere Freud. Ele dirige sua demanda. Digamos que ela parte - felizmente ainda não entrou em jogo - alguma coisa se esboça que parte deste ponto que chamaremos de *delta* ou *D grande*; *demand*, e isto, o que é que isto nos descreve? Isto nos descreve a função da necessidade; alguma coisa se expressa que parte do sujeito e que termina a linha de sua necessidade. É

4 de dezembro de 1957

precisamente o que termina a curva do que isolamos aqui como o discurso, e isso é feito com a ajuda da mobilização de alguma coisa que é preexistente. Não inventei a linha do discurso, a entrada em jogo do estoque, muito reduzido neste momento, do estoque do significante, na medida em que, correlativamente, ele articula alguma coisa.

Vejam as coisas. Se vocês quiserem montar juntos nos dois planos, o da intenção - tão confusa quanto vocês a supõem, o jovem sujeito na medida em que ele dirige o apelo - e o significante - tão desorganizado também quanto vocês possam supor o uso na medida dele - na medida em que ele é mobilizado neste esforço, neste apelo, ele progride ao mesmo tempo, e se alguma coisa tem um sentido de acréscimo que já lhes indiquei, a utilidade para entender o efeito retroativo da sentença se fecha até o fim do segundo tempo. Observem que estas duas linhas ainda não se cruzaram em outros termos senão aquele que diz alguma coisa, diz, ao mesmo tempo, mais e menos do que ele deve dizer. A linguagem da criança encontra seu pleno emprego.

Se, em outros termos, progride paralelamente sobre as duas linhas a conclusão desse algo que lá se chamará a demanda, é todavia, no fim do segundo tempo que o significante se fechará sobre alguma coisa que, aqui, termina da maneira mais aproximativa que vocês quiserem, o sentido da demanda, o que constitui a mensagem, o algo que o Outro, digamos a mãe, para admitirmos, de vez em quando, a existência de boas mães, evoca, propriamente falando, que coexiste com a conclusão da mensagem.

Um e outro se determinam, ao mesmo tempo, um como mensagem, o outro como Outro, e num terceiro tempo dessa dupla curva, veremos alguma coisa que aqui termina e, também aqui, alguma coisa que vamos, pelo menos a título hipotético, indicar como podemos nomeá-los, situá-los nessa estruturação da demanda que é aquela que procuramos colocar bem na base, no fundamento do exercício primeiro do significante na expressão do desejo. Eu lhes pediria, pelo menos provisoriamente, admitir como a referência mais útil para o que vamos procurar desenvolver mais adiante, admitir no terceiro tempo esse caso ideal onde a demanda de algum modo encontra exatamente o que a prolonga, a saber, o Outro que a retoma a propósito de sua mensagem.

Creio que o que devemos considerar aqui é alguma coisa que não pode se confundir exatamente aqui com a satisfação, pois há na intervenção, no exercício mesmo de todo significante a propósito da manifestação da necessidade este algo que o transforma e que já lhe traz, por intermédio do significante, esse mínimo de transformações, de metáforas, em suma, que faz com que o que é significado seja alguma coisa além da necessidade bruta, de remodelar pelo uso do significante.

É aqui, em suma, que começa a exercer-se, a intervir, a entrar na criação do significado, alguma coisa que não é a pura e simples tradução da necessidade, mas de retomada, de reassunção, de remodelagem da necessidade, de criação de um desejo que é outro que a necessidade, que é uma necessidade mais um significante. Como dizia Lênine: *o socialismo é alguma coisa que provavelmente é muito simpática, mas a comunidade perfeita tem, a mais, a detritificação*

Aqui há, a mais, o significante na expressão da necessidade. E, do outro lado, aqui, no terceiro tempo, há certamente alguma coisa que corresponde a essa aparição milagrosa. Nós a supusemos milagrosa, plenamente satisfatória da satisfação pelo Outro de alguma coisa, esse algo que lá é criado. É esse algo que, aqui, normalmente, chega àquilo que Freud nos apresenta como o prazer do exercício do significante, em resumo, o exercício da cadeia significante como tal, nesse caso ideal de êxito no caso em que o Outro vem aqui no

4 de dezembro de 1957

prolongamento mesmo do exercício do significante. O que prolonga o esforço do significante como tal é essa resolução, aqui, em um prazer próprio, autêntico, o prazer desse uso do significante, vocês o vêem em algumas linhas-limites.

Peço-lhes um instante que admitam a título de hipótese propriamente dita, a hipótese que permanecerá subjacente a tudo o que vamos tratar de conceber como o que se produz nos casos comuns, nos casos de exercício real do significante. Para o uso da demanda é alguma coisa que será subentendida por essa referência primitiva àquilo que poderíamos chamar de pleno sucesso, ou o primeiro sucesso, ou o sucesso mítico, ou a forma arcaica primordial do exercício do significante.

Essa passagem plena, essa passagem com sucesso da demanda como tal no real, na medida em que ele cria ao mesmo tempo a mensagem e o Outro, chega a esse remanejamento do significado, de um lado, que é introduzido pelo uso do significante como tal e, por outro lado, prolonga diretamente o exercício do significante em um autêntico prazer. Um e outro se equilibram; há, de um lado, este exercício que encontramos, com efeito, com Freud, completamente na origem do jogo verbal como tal, que é um prazer original sempre prestes a surgir. E, claro, sempre, por tudo o que vamos ver agora do que ocorre para se opor a isso, quão mascarada é, por outro lado, essa novidade que aparece não apenas simplesmente na resposta à demanda, mas no fato de que na própria demanda verbal aparece este algo original que complexifica, que transforma a necessidade, que a põe no plano do que chamaremos, doravante, desejo, sendo o desejo este algo definido por um deslocamento essencial em relação a tudo o que é da ordem pura e simplesmente da direção imaginária da necessidade, que é este algo que o introduz por si mesmo numa ordem diferente, na ordem simbólica com tudo o que pode acarretar aqui de perturbação.

Em suma, vemos aqui surgir a propósito deste mito primeiro ao qual lhes peço se referirem, porque devemos nele nos apoiar de agora em diante; do contrário, se tornará incompreensível tudo o que será articulado por Freud a propósito do mecanismo próprio do prazer da *palavra espirituosa*. Ressalto que essa novidade que aparece no significado pela introdução do significante é este algo que encontramos por toda parte como uma dimensão essencial acentuada por Freud em todo lugar, naquilo que era manifestação do inconsciente.

Freud nos diz algumas vezes que algo nos aparece ao nível das formações do inconsciente que se chama *surpresa*. É alguma coisa que convém considerar, não como um acidente da descoberta, mas como uma dimensão essencial de sua essência. Há alguma coisa de original no fenômeno da *surpresa*. É que ele se produz no interior de uma formação do inconsciente na medida em que, ela mesma, ela choca o sujeito pelo seu caráter surpreendente, mas, igualmente, se, no momento em que, para o sujeito, vocês revelam isso, vocês provocam nele esse sentimento da *surpresa*. Freud o indica em toda sorte de pontos quer na análise dos sonhos, quer na psicopatologia da vida cotidiana, quer ainda e a todo instante no texto da *palavra espirituosa*. Esta dimensão da *surpresa* é, ela mesma, consubstancial ao que é do desejo, na medida em que ele passou ao nível do inconsciente. Esta dimensão é o que o desejo leva consigo de uma condição de emergência que lhe é própria na qualidade de desejo, é propriamente aquela pela qual ele é até suscetível de entrar no inconsciente, pois nem todo desejo é suscetível de entrar no inconsciente. Só entram no inconsciente aqueles desejos que, por terem sido simbolizados, podem, ao entrar no inconsciente, conservar, sob sua forma simbólica, sob a forma desse traço indestrutível cujo exemplo é ainda retomado por Freud no *Witz*, desejos que não se gastam, que não têm o caráter de impermanência próprio a toda insatisfação, mas que, pelo contrário, são sustentados por essa estrutura

4 de dezembro de 1957

simbólica que os mantém em certo nível de circulação do significante, aquele que designei como devendo estar, neste esquema, situado nesse circuito entre a mensagem e o Outro, isto é, ocupando uma função, um lugar que, conforme o caso, conforme as incidências onde ele se produz faz com que sejam pelas mesmas vias que devemos conceber o circuito girante do inconsciente na medida em que ele está aí sempre pronto a reaparecer.

É na ação da metáfora, na medida em que se certos circuitos originais vem atingir o circuito corrente, banal, recebido da metonímia, que se produz o surgimento do sentido novo, na medida em que, enfim, no dito espiritual, é a céu aberto que se produz essa bola que retorna entre a mensagem e Outro, que vai se produzir o efeito original do *dito espiritual*

Vamos detalhar mais para tentarmos apreendê-lo e concebê-lo.

Se nós estamos mais nesse nível primordial, nesse nível mítico de primeira instauração na sua força própria da demanda, como as coisas acontecem?

Reportemo-nos a esse tema absolutamente fundamental ao longo das histórias dos *ditos espirituais*, só se vê isso, só se vê pedintes aos quais concedem-se coisas, quer concedendo-lhes o que não pedem, quer, tendo-lhes concedido o que pedem eles disto façam outro uso, quer se comportem para com aquele que fez a concessão com uma insolência bem particular, reproduzindo, por assim dizer, na relação de pedinte ao solicitado essa dimensão abençoada da ingratidão. Caso contrário, seria realmente insuportável aceder a qualquer pedido, pois observem como o observou com muita pertinência nosso amigo Mannoni em uma obra excelente, que o mecanismo normal da demanda ao qual se acede é de provocar demandas sempre renovadas, pois, afinal de contas, o que é essa demanda, na medida em que encontra seu ouvinte, o ouvido ao qual é destinada?

Façamos um pouco de etimologia, se bem que não seja no uso do significante que reside forçosamente a dimensão essencial à qual se deva referir. Um pouco de etimologia, aqui, poderá nos clarear.

Essa demanda tão acentuada dos temas da exigência na prática concreta, no uso, no emprego do termo, e mais ainda em anglo-saxão do que em outras línguas, mas, de igual modo, em outras línguas, originariamente é *demandare*, é *confiar-se*, é no plano de uma comunidade de registro e de linguagem de uma entrega total de si, de todas as suas necessidades a um outro. O material significante da demanda é tomado emprestado, sem dúvida, para tomar outro acento que lhe é especialmente imposto pelo exercício efetivo da demanda.

Mas, aqui, o fato da origem dos materiais empregados metaforicamente - vocês o vêem pelo progresso da língua - nos instrui daquilo de que se trata nesse famoso complexo de dependência que evocava, há pouco, com, segundo os termos de Mannoni, com efeito quando aquele que pede pode pensar que, efetivamente, o outro realmente acedeu a um dos seus pedidos, com efeito, não há mais limites: ele pode, ele deve, é normal que ele lhe confie todas as suas necessidades. Tudo o que evocava há pouco, a respeito dos benefícios da ingratidão, põe um termo às coisas, põe um termo àquilo que não poderia parar.

Mas, por sua vez, o pedinchão não tem o hábito, por experiência, de apresentar assim seu pedido simplesmente; o pedido nada tem de confiante, ele sabe muito bem o que está no espírito do Outro, e é por isso que ele disfarça seu pedido. Isto é, ele pede alguma coisa de que precisa em nome de outra coisa que algumas vezes precisa também, mas que será mais facilmente admitida como pretexto para o pedido; oportunamente, essa outra coisa, se ele

4 de dezembro de 1957

não a tem, ele a inventará, pura e simplesmente, e sobretudo, ele levará em conta, na formulação de seu pedido, do que é o sistema do Outro, aquele ao qual aludi há pouco. Ele se dirigirá de uma certa maneira à senhora das obras de caridade, de outra maneira ao banqueiro, todos eles personagens que se perfilam de uma maneira tão engraçada; de outra maneira ao casamenteiro, de maneiras mais diversas conforme os solicitados, isto é, não somente seu desejo será tomado e remanejado no sistema ao significante, mas no sistema do significante tal como é instaurado, instituído no Outro, isto é, segundo o código do Outro, e simplesmente seu pedido começará a se formular a partir do outro para, inicialmente, refletir-se nesse algo que, desde muito tempo, passou ao estado ativo no seu discurso, sobre o *eu* [*je*], cá e lá, que profere o pedido para refleti-lo sobre o Outro, e ir, por esse circuito, terminar em mensagem.

O que significa isto? Isto é o apelo, a intenção, é o circuito da necessidade secundária à qual, como vocês vêem, não há muita necessidade ainda de dar exageradamente o acento da razão, e sim o do controle, controle pelo sistema do Outro que, naturalmente, já implica fatores de todo tipo que, unicamente por essa ocasião, somos legitimados a qualificar de racionais. Digamos que se é racional levá-los em conta, nem por isso está implicado em sua estrutura que eles sejam efetivamente racionais.

O que está ocorrendo na cadeia do significante conforme esses três tempos que aqui vemos se descreverem? É alguma coisa que, de novo, mobiliza todo o aparato, toda a disposição, todo o material para chegar, aqui, inicialmente, a alguma coisa, mas a alguma coisa que não passa imediatamente para o Outro que vem aqui se refletir sobre esse algo que, no segundo tempo, corresponde ao apelo ao Outro, isto é, a esse objeto na medida em que ele é o objeto admissível pelo Outro, que ele é o objeto daquilo que o Outro aceita desejar, que ele é o objeto metonímico, e é para refletir sobre esse objeto, vir ao terceiro tempo, convergir para a mensagem, que nós nos encontramos, pois, aqui, não nesse estado feliz de satisfação por termos obtido, no término dos três tempos da primeira representação mítica da demanda e de seu sucesso com sua novidade surpreendente e seu prazer por ele mesmo satisfatório. Encontramo-nos confrontados com uma mensagem que traz em si mesma esse caráter de ambigüidade de ser o encontro de uma formulação alienada desde o início, na medida em que parte do Outro, e, desse lado, vai chegar a alguma coisa que é, de algum modo, desejo do Outro na medida em que é do próprio Outro que foi evocado o apelo, e, por outro lado, no seu próprio aparato significante de introduzir toda espécie de elementos convencionais que são, propriamente falando, o que chamaremos de caráter de comunidade, ou de deslocamento, propriamente falando, dos objetos, na medida em que os objetos são profundamente remanejados pelo mundo do Outro. E vimos que o discurso entre esses dois pontos de chegada da seta ao terceiro tempo é alguma coisa de tão impressionante que é isso mesmo que pode chegar àquilo que chamamos lapso, tropeço de palavras pelas duas vias.

Não é certo que seja uma significação unívoca que seja formada, ela é tão pouco unívoca que o caráter fundamental de erro e de desconhecimento da linguagem é uma dimensão essencial dela.

É sobre a ambigüidade dessa formação de mensagem que vai trabalhar a *palavra espirituosa*; é a partir desse ponto, a títulos diversos, que pode ser formada a *palavra espirituosa*. Não tratarei novamente hoje da diversidade das formas sob as quais essa mensagem pode ser retomada tal como está constituída sob sua forma ambígua essencial, sob sua forma ambígua quanto à estrutura para seguir um tratamento que, segundo o que diz Freud, tem como objetivo restaurar finalmente a caminhada ideal que deve chegar à surpresa de uma

4 de dezembro de 1957

novidade, de um lado, e ao prazer do jogo do significante, do outro. Tal é o objeto da *palavra espirituosa*.

O objeto da *palavra espirituosa* é reevocar para nós certa dimensão pela qual o desejo se não alcança, pelo menos indica tudo o que ele perdeu ao longo desse caminho, a saber, o que ele deixou ao nível da cadeia metonímica, de um lado, como detritos, e, do outro, o que ele não realiza plenamente ao nível da metáfora, se chamarmos metáfora natural o que ocorreu há pouco, nessa pura, simples e ideal transição do desejo na medida em que ele se forma no sujeito para o Outro que o retoma e que acede a ele.

Nós nos encontramos aqui num estado mais evoluído, no estado em que já intervieram na psicologia do sujeito essas duas coisas que se chamam o *eu* [*jé*] de um lado e, do outro, o objeto profundamente transformado que é o objeto metonímico. Nós nos encontramos diante da metáfora, não a natural, mas o exercício habitual da metáfora, quer ela tenha êxito quer ela fracasse, nessa ambigüidade da mensagem à qual se trata ou não, agora, de dar uma saída nas condições que permanecem no estado natural. Temos toda uma parte desse desejo que vai continuar circulando sob a forma de detritos do significante no inconsciente. No caso do *dito espirituoso* por uma espécie de forçamento, de sombra feliz de sucessos surpreendentes e puramente veiculados pelo significante, de reflexos da satisfação antiga, alguma coisa vai passar que tem muito exatamente por efeito reproduzir esse prazer primeiro do pedido satisfeito ao mesmo tempo em que acede a uma novidade original. É esse algo que o *dito espirituoso* pela sua essência, realiza, e realiza como?

O que vimos até agora? Dissemos que, em suma, tudo o de que se trata para isso, é que esse esquema pode nos servir para perceber este algo que é a conclusão da curva primeira dessa cadeia significante, e que é também alguma coisa que prolonga o que passa da necessidade intencional no discurso. Como assim? Pelo *dito espirituoso*. Mas como o *dito espirituoso* vem à tona?

Aqui reencontramos as dimensões do sentido e do não-sentido, mas eu creio que devemos examiná-los de mais perto.

Se alguma coisa foi visada daquilo que eu lhes dei da última vez como indicação da função metonímica, é, propriamente falando, o que no desenrolar simples da cadeia significante acontece de igualização, nivelamento, equivalência, logo, tanto apagamentos quanto uma redução do sentido.

Isto não quer dizer que o *não-sentido* [*non-sens*], seja alguma coisa que, somente pelo fato de eu ter tomado a referência marxista, pondo em função dois objetos de necessidade, de tal modo que um se torna a medida do valor do outro, apaga dele o que é precisamente a ordem da necessidade e, por isso mesmo, o introduz na ordem do valor, do ponto de vista do sentido e, que por uma espécie de neologismo apresenta, de igual modo, uma ambigüidade, poder ser chamado de *des-sentido* [*de-sens*]. Chamemo-lo hoje simplesmente o *pouco-sentido* [*peu-de-sens*], e, por isso, vocês verão, uma vez que tiverem essa chave, a significação da cadeia metonímica desse *pouco sentido*.

É sobre isto, precisamente, que a maior parte das *palavras espirituosas* atuam. Convém que a *palavra espirituosa* destaque o caráter, não do *não-sentido* - nós estamos, na *palavra espirituosa*, nessas almas nobres que, imediatamente após o grande deserto das quais teremos revelado os grandes mistérios da absurdidade geral, o discurso da bela alma, se não conseguirmos

4 de dezembro de 1957

enobrecer nossos sentimentos, recentemente enobreceu sua dignidade de escritor¹. Mas, nem por isso, esse discurso sobre o *não-sentido* deixa de ser o discurso o mais vão que jamais ouvimos. Não há absolutamente jogo do *não-sentido*, mas cada vez que o equívoco é introduzido, quer se trate da história do bezerro, desse bezerro às custas do qual eu me divertia, na última vez, fazendo dele quase a resposta de Heinrich Heine, digamos, que esse bezerro, com tudo isso, vale pouca coisa² na data em que se fala dele e, da mesma maneira, tudo que pudermos encontrar nos jogos de palavras, mas especialmente, os que são chamados jogos de palavras do pensamento, consiste em brincar com a fragilidade das palavras para sustentar um sentido pleno.

É este *pouco sentido* que, como tal, é retomado, e por onde alguma coisa que reduz ao seu alcance essa mensagem na medida em que ela é, ao mesmo tempo, sucesso, fracasso, mas forma necessária de toda formulação da demanda, e que vem interrogar o Outro a propósito desse *pouco sentido* aqui, e a dimensão essencial do Outro.

A razão pela qual Freud se detém frente a alguma coisa totalmente primordial, à natureza mesma da *palavra espirituosa*, do *dito espirituoso*, é que não há *dito espirituoso* solitário, o *dito espirituoso* é solidário de alguma coisa, embora nós o tenhamos forjado, inventado nós mesmos, se é possível que inventemos o *dito espirituoso* e que não seja ele que nos invente. Nós experimentamos a necessidade de propô-lo ao Outro, é o Outro que está encarregado de autenticá-lo.

Quem é esse Outro? Por que esse Outro? Qual é a necessidade do Outro?

Não sei se hoje teremos tempo bastante para defini-lo, para dar-lhe sua estrutura e seus limites, mas diremos simplesmente isto no ponto em que nos encontramos: que o que é comunicado, no *dito espirituoso*, ao *Outro* é o que atua essencialmente de uma maneira já bastante astuta e cujo caráter de que se trata convém sustentar diante de nossos olhos. O de que se trata sempre, não é provocar essa invocação patética de eu não sei que absurdidade fundamental à qual aludia há pouco ao me referir à obra de uma das grandes cabeças moles desta época³: é isso que se trata de sugerir: é essa dimensão de *pouco sentido*, interrogando, de algum modo, o valor como tal, intimidando-o, por assim dizer, a realizar sua dimensão de valor, intimidando-o a se revelar como verdadeiro valor, o que é, vale observar, uma astúcia da linguagem, pois quanto mais ele se revelar como verdadeiro valor, mais ele se revelará como sendo sustentado pelo que eu chamo o *pouco sentido*. Ele só pode responder na direção do *pouco sentido*, e é ali que está a natureza da mensagem própria ao *dito espirituoso*, isto é, aquilo em que, aqui, ao nível da mensagem, retomo com o Outro esse caminho interrompido da metonímia, e eu lhe faço essa interrogação: o que tudo isso significa?

O *dito espirituoso* só termina além disto, isto é, na medida em que o Outro reage, responde ao *dito espirituoso*, o autentique como dito espirituoso, isto é, perceba o que, nesse veículo como tal da questão sobre o pouco sentido, o que lá existe como demanda de sentido, isto é, a evocação de um sentido além deste, algo que está inacabado, que, em tudo isso, permaneceu no caminho, marcado pelo sinal do Outro, marcando sobretudo com sua profunda ambigüidade toda formulação do desejo, ligando-o como tal e, propriamente falando, às necessidades e às ambigüidades do significante como tal, à homonímia

¹ Provável referência a Albert Camus.

² *Vaeue vaut*, bezerro e valor.

³ Provavelmente Lautreamont.

4 de dezembro de 1957

propriamente dita, ou melhor, à homofonia. É na medida em que o Outro responde a isso, isto é, no circuito superior, aquele que vai de A [O] à *mensagem* autentica o quê? O que se encontra lá dentro, diremos assim, como *não-sentido*. Nisto também insisto. Não creio que seja preciso manter esse termo de *não-sentido* que só tem sentido na perspectiva da razão da crítica, isto é, que isto precisamente nesse circuito é evitado.

Eu lhes proponho a fórmula do *pas-de-sens*⁴. *Pas-de-sens*, como dizem *pas-de-vis*, *pas-de-quatre*, *pas-de-Suze*, *pas-de-Calais*. Esse *pas-de-sens* é, propriamente falando, o que é realizado na metáfora, pois na metáfora é a intenção do sujeito, é a necessidade do sujeito que, além do uso metonímico, além do que se encontra na medida comum, nos valores recebidos, a se satisfazer, introduz justamente esse *pas-de-sens*, esse algo que, retomando um elemento no lugar onde se encontra, substituindo-lhe outro, eu diria até qualquer um, introduz esse além sempre da necessidade em relação a todo desejo formulado que está na origem da metáfora.

O que faz ali o *dito espíritoso*? Nada além de indicar a própria dimensão, o *pas* como tal propriamente falando, o *pas*, se eu posso dizer, na sua forma, o *pas* esvaziado de toda espécie de necessidade que, aqui, expressaria, contudo, o que, no *dito espíritoso* pode manifestar o que, em mim é latente no tocante ao meu desejo, e, claro, alguma coisa que possa encontrar correspondência no Outro, mas não obrigatoriamente.

O importante é que essa dimensão do *pas-de-sens* seja retomada, autenticada. É a isto que corresponde um deslocamento. Não é além do objeto que se produz a novidade ao mesmo tempo que o *pas-de-sens*, ao mesmo tempo para os dois sujeitos. Aquele que fala é aquele que fala ao Outro, que lhe comunica isso como *dito espíritoso*, ele percorreu esse segmento da dimensão metonímica, ele fez receber o *pouco sentido* como tal. O Outro autenticou o *pas-de-sens*, e o prazer termina para o sujeito. É na medida em que ele chegou a surpreender o Outro com seu *dito espíritoso* que ele colhe o prazer que é bem o mesmo prazer primitivo que o sujeito mítico, arcaico, infantil, primordial que eu evocava há pouco, havia obtido do primeiro uso do significante.

Vou deixar vocês com esse exercício. Espero que ele não lhes tenha parecido muito artificial, nem muito pedante. Peço desculpas àqueles a quem esse tipo de pequeno exercício de trapézio possa ter provocado dor de cabeça. Creio, mesmo assim, ser necessário - não que não os creia, em espírito, capazes de entender essas coisas - mas não penso que o que chamo seu bom senso seja alguma coisa de tal modo adulterado pelos estudos médicos, psicológicos, analíticos e outros que vocês fizeram, que vocês não possam me acompanhar nesses caminhos por simples alusões. No entanto, as leis de meu ensino justificam que nós separemos, de algum modo, essas etapas, esses tempos essenciais do progresso da subjetividade no *dito espíritoso*.

Subjetividade. Esta é a palavra que interessa hoje pois até o presente momento e ainda hoje, ao manejar com vocês os encaminhamentos do significante, alguma coisa no meio de

⁴ *pas* não; passo.
pas-de-sens não-sentido; mas também: passo-de-sentido.
pas-de-vis a porção que avança ou recua um parafuso numa volta completa.
pas-de-quatre passo de dança.
pas-de-Suze desfiladeiro de Susa, passo de Susa, nos Alpes.
pas-de-Calais passo de Calais, distância que separa a França da Inglaterra, na região de Calais/Dôver.
pau-de-sens pouco-sentido.
non-sens não-senso; sem sentido.

4 de dezembro de 1957

tudo isso falta; falta não sem motivo, vocês vão ver, não é em vão que no meio de tudo isso nós não vemos hoje aparecer senão sujeitos praticamente ausentes, tipos de suporte para devolver a bola do significante. E, contudo, o que é mais essencial à dimensão do dito espiritualoso que a subjetividade?

Quando digo subjetividade, digo que em parte alguma é apreensível o objeto da *palavra espiritualosa*, uma vez que mesmo o que ele designa além do que ele formula, seu caráter de alusão essencial, de alusão interna, é alguma coisa que, aqui, faz alusão a nada, a não ser à necessidade do *pas-de-sens*.

E, contudo, nessa ausência total de objeto, afinal de contas, alguma coisa sustenta o *dito espiritualoso* que é o mais vivido do vivido, o mais assumido do assumido, este algo que faz dele, propriamente falando, uma coisa tão subjetiva. Assim como diz Freud em algum lugar, essa condicionalidade subjetiva essencial, a palavra soberana está lá e surge entre as linhas. Só é *dito espiritualoso*, diz ele, com esse caráter agudo das fórmulas que não se encontram praticamente em nenhum autor literário, nunca vi isto sob a pena de ninguém, *só é dito espiritualoso aquilo que eu mesmo reconheço como dito espiritualoso* e, contudo, eu preciso do outro, por todo seu capítulo que se segue àquele de que acabo de lhes falar hoje, a saber, do mecanismo do prazer, e que ele chama os motivos do espírito, as tendências sociais valorizadas pelo espírito - foi traduzido em francês *par les mobiles, os móveis (os motivos)*. Nunca entendi por que se traduzia motivo por móvel em francês - tem como referência essencial esse Outro.

Não há prazer do *dito espiritualoso* sem esse Outro, esse Outro também na qualidade de sujeito, essas relações dos dois sujeitos, daquele que ele chama a primeira pessoa do *dito espiritualoso*, aquele que o fez, e aquele a quem, diz ele, é absolutamente necessário que ele seja comunicado, a ordem do outro que isso sugere, e, para dizer tudo, desde agora o fato que esse Outro é, propriamente falando, e isso com traços característicos que não são inteligíveis em nenhuma outra parte com um tal relevo, que naquele nível esse outro seja aqui o que chamo o Outro com um O (A) maiúsculo.

É o que espero mostrar-lhes da próxima vez.